

Mercado S/A



AMAURI SEGALLA
amaurisegalla@diariosassociados.com.br

“Não é de hoje, ressalve-se, que os Correios operam no vermelho”

CPI pode investigar resultados dos Correios

Marcelo Camargo/Agência Brasil



Os Correios reportaram déficit de R\$ 2,13 bilhões em 2024. De acordo com o presidente da estatal, Fabiano Silva dos Santos, o resultado negativo se deve ao fim da isenção para compras no exterior abaixo de US\$ 50, o que teria, supostamente, derrubado o volume de encomendas. Trata-se do terceiro ano seguido em que a empresa relata prejuízos — mas a isenção para compras internacionais está vigente apenas desde meados de 2024. Não é de hoje, ressalve-se, que os Correios operam no vermelho. Na realidade, as dívidas sobre as contas da empresa são muitas, e atribuir o mau desempenho ao fim da isenção para compras importadas aparenta ser apenas a desculpa mais recente para justificar os resultados negativos. Nesse contexto, o Senador Marcio Bittar (UB-AC) apresentou um requerimento para a criação de uma CPI dos Correios. A ideia é investigar a gestão atual e os verdadeiros motivos para a sucessão de resultados negativos

Ed Alves/CB/D.A Press



Copom indica persistência no ciclo de juros altos

A ata do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central desanimou os que esperavam algum sinal de que o ciclo de alta de juros não será tão duradouro. Pelo contrário. Entre outros complicadores, o documento diz que o cenário externo é desafiador e ressalta que a inflação brasileira segue firme e forte em um cenário de política fiscal expansionista e mercado de trabalho aquecido. A ata não deixou dúvidas: o BC, agora sob a direção de Gabriel Galpólo, não será leniente com a inflação.

BC testa inteligência artificial para reduzir inadimplência

O Banco Central adquiriu o louvável hábito de inovar. Depois de lançar o Pix e o Open Finance, a autarquia testa agora o uso da inteligência artificial para entender melhor o comportamento financeiro dos brasileiros. Entre outros atributos, a ferramenta criada em parceria com pesquisadores de Ciência da Computação da Universidade Federal de Pernambuco analisa o perfil de risco dos consumidores e indica o que pode ser feito para a redução dos elevados índices de inadimplência do país.

Fusão de Gol e Azul concentra operações aéreas em Minas Gerais

Se for aprovada pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), a fusão das companhias aéreas Gol e Azul concentrará 85% da operação doméstica dos aeroportos de Minas Gerais nas mãos de uma só empresa. Com isso, Minas será o estado mais afetado pela concentração no setor, conforme dados da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac). Para analistas desse mercado, a união das duas gigantes limitará as opções para os consumidores, possivelmente levando ao aumento de preços das passagens.

RAPIDINHAS

» O Itaú Unibanco se tornou a primeira empresa da América Latina a fazer parte do Programa de Indústrias Afiliadas do Instituto de Inteligência Artificial Centrada no Humano da Universidade de Stanford. Com o acordo, o banco brasileiro terá acesso a pesquisas desenvolvidas por professores de uma das principais instituições de ensino do mundo.

» **Natura, Vale e Grupo Boticário são as melhores empresas para trabalhar no Brasil. Quem diz isso é a consultoria I Love My Job, que entrevistou 865 profissionais de diferentes regiões do país. Entre os critérios de avaliação estão clima organizacional positivo, comunicação eficiente e flexibilidade de trabalho.**

» Os preços dos imóveis residenciais estão em alta. Segundo o índice Fipe/Zap, eles subiram 0,59% em janeiro. No acumulado de doze meses, o avanço foi de 7,98% — acima da inflação de 4,51% no período. Salvador, na Bahia, puxou a fila dos aumentos, com acréscimo de 18% nos valores. Em Belo Horizonte, o índice acelerou 12,8%.

» **O Brasil foi o terceiro país que mais enviou turistas para a Flórida, nos Estados Unidos, em 2024. De acordo com dados oficiais do turismo local, 1,1 milhão de brasileiros viajaram para Lá no ano passado, o que representou um avanço de 8% versus 2023. No ano passado, os brasileiros só ficaram atrás de canadenses e britânicos.**

330 mil

empregos serão perdidos nos Estados Unidos se Donald Trump insistir em aumentar tarifas sobre a importação de produtos de países vizinhos e da China. O cálculo foi feito pela Tax Foundation, instituto internacional que é referência em estudos sobre tributação no mundo

Michael Pöbst/AFP



A União Europeia é forte. Temos todas as oportunidades de garantir que podemos cuidar de nossos próprios interesses”

Olaf Scholz, chanceler da Alemanha, em resposta à ameaça do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, de impor tarifas comerciais ao Velho Continente

GUERRA COMERCIAL / As incertezas relacionadas à decisão de Trump de elevar as taxas de importação de importantes parceiros comerciais derrubaram a moeda norte-americana. Especialistas recomendam que Brasil não se manifeste

Taxas de Trump derrubam dólar

» ROSANA HESSEL

No mesmo dia em que a China deu o troco ao tarifaço dos Estados Unidos, o dólar voltou a cair, ontem, pelo 12º pregão consecutivo — a maior sequência de queda desde o início do Plano Real, em julho de 1994. Após recuar ao piso diário de R\$ 5,757, a moeda norte-americana oscilou em torno de R\$ 5,76 ao longo do dia e terminou cotada a R\$ 5,772 para a venda, menor patamar desde 19 de novembro de 2024, com queda de 0,75%.

A retalição chinesa ocorre no mesmo dia em que começou a valer a nova taxa de 10% imposto por Donald Trump sobre os produtos importados chineses. As tarifas chinesas entram em vigor na próxima segunda-feira (10) e incluem um imposto de 15% sobre carvão e gás natural liquefeito, e taxa de 10% sobre petróleo, máquinas agrícolas, caminhonetes e alguns carros de luxo.

Na véspera, Trump adiou em um mês a taxa de 25% sobre os produtos do México e do Canadá, que integram o Nafta, acordo de livre-comércio entre os países da América do Norte.

O governo chinês alegou que Washington violou as regras do comércio internacional, regidas pela Organização Mundial do Comércio (OMC), ao impor aumento unilateral de tarifas. O ministério do Comércio da China anunciou ainda que apresentará uma queixa à OMC para intervir a fim de “salvaguardar seus direitos e interesses legítimos”.

Essa briga entre as duas maiores potências globais e os principais parceiros comerciais do Brasil ainda deve ter desdobramentos, mas ainda não está claro qual será o verdadeiro impacto no mercado brasileiro. Não à toa, o governo do presidente Luiz Inácio Lula da

ANDREW CABALLERO-REYNOLDS/AFP



Empresas brasileiras, como a Embraer — com forte presença no exterior — podem se beneficiar da disputa tarifária entre EUA e China

Silva sinalizou cautela e tem evitado comentar o assunto.

Na avaliação de Rubens Barbosa, ex-embaixador do Brasil em Washington e presidente do Instituto Relações Internacionais e Comércio Exterior (Irice), é recomendável que o governo brasileiro fique bem quieto, porque ainda não há nada concreto contra o Brasil. “A melhor atitude é acompanhar de perto os acontecimentos e a reação dos dois importantes parceiros comerciais do Brasil. É preciso muito cuidado com um e com outro para não perder as relações políticas e econômicas com cada um deles”, orientou.

Para o presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), José Augusto de Castro, essa nova guerra comercial travada pelos Estados Unidos e seus principais parceiros comerciais, podendo se estender para União Europeia, é um jogo que só terá

perdedores. “Vai ser difícil alguém ganhar nessa briga. Pontualmente, alguém pode ganhar, mas, nesse jogo, todos perdem”, resumiu.

Castro engrossou o coro com Barbosa ao defender que o governo brasileiro fique bem quieto, a fim de evitar que qualquer atrito com os Estados Unidos, ou com a China. “O saldo da balança comercial entre o Brasil e os EUA é superavitário para os norte-americanos.

O Brasil sempre perdeu, historicamente, e quase empatou ano passado. E, se não fizermos o nosso dever de casa para diminuir o famoso custo logístico das nossas exportações, os produtos manufaturados brasileiros continuarão sendo pouco competitivos para os mercados norte-americano e europeu”, destacou. “O custo Brasil continua alto, e não há condições de o país exportar para os EUA. Temos que torcer para conseguir exportar manufaturados para os

vizinhos da América do Sul. As exportações atuais são entre matrizes e filiais, tanto dos EUA quanto da Europa”, explicou.

O presidente da AEB avaliou que Trump atirou sem olhar para as consequências das suas medidas, uma vez que ele mesmo estimou que empresas norte-americanas fossem para o México para reduzir a dependência de importações de componentes chineses, dentro do conceito de “nearshore”, ou seja, trazer os parceiros comerciais mais próximos.

Incertezas

Na avaliação do especialista em comércio exterior, o dólar caiu novamente, mas não dá para ter certeza se haverá acomodação nesse novo patamar, abaixo de R\$ 5,80. “O dólar caiu muito mas não é bom tirar proveito, porque Trump toma decisões por impulso e isso é

muito ruim, porque estamos perdendo a previsibilidade. Para o Brasil, isso é péssimo, porque não há nada definitivo nesse momento”, ressaltou.

E, devido aos recuos de Trump em relação ao México e ao Canadá, mostra que o câmbio ainda apresentará muita volatilidade, na avaliação do especialista em relações internacionais Wagner Parente, CEO da BMJ Consultores Associados. “Cada semana vai ter algum anúncio desse tipo e vai ser um sobe e desce no câmbio e nas bolsas. Esse cenário é péssimo para os investimentos de médio e longos prazos, porque o aumento das incertezas afugenta os investidores”, alertou. Na avaliação dele, é bem provável que Trump busque algum acordo quando as taxas de inflação começarem a subir nos Estados Unidos devido ao aumento dos tributos sobre os produtos

importados e da deportação de trabalhadores ilegais — que vai encarecer a mão de obra dos serviços em geral.

Os especialistas reconheceram que o Brasil pode ser impactado positivamente com a taxa de produtos chineses pelos EUA e de produtos norte-americanos na China, porque ambos os países podem buscar mercados alternativos, mas isso poderá durar pouco tempo. Vítor Agnello, analista educacional da CM Capital, acrescentou que alguns setores nacionais podem ficar mais competitivos e as ações de empresas desses segmentos podem registrar valorização na Bolsa. Ele citou como exemplos as ações da Petrobras, por ser a principal empresa exportadora de petróleo do país, as da Embraer por exportar tecnologia em aviação e aviões, que é uma demanda grande da China e dos EUA, a Weg, que exporta muitas peças de veículos e motores, e as da Vale, por abrir uma possibilidade de negócio de metais fortes, que é uma demanda americana para o desenvolvimento de suas tecnologias. Contudo, Agnello ressaltou que, no momento, o câmbio abaixo de R\$ 5,80, não tem nada a ver com as preocupações com o mercado doméstico. “Por enquanto, os discursos de Trump estão mexendo com o mercado e ainda não temos uma análise sólida para onde essa briga comercial vai. Não temos como prever o que é imprevisível”, disse.

Assim como o dólar, a Bolsa de Valores de São Paulo (B3) encerrou o dia de ontem em queda. O Índice Bovespa (IBOVespa), principal indicador da B3, recuou 0,65%, para 125.147 pontos, enquanto as bolsas internacionais voltaram a subir. Em Nova York, o Índice Dow Jones encerrou com leve valorização, de 0,30%, e a Nasdaq, bolsa das empresas de tecnologia, avançou 1,35%. O índice pan-europeu Stoxx 600, por sua vez, fechou em alta de 0,26%.